

## NORMATIVIDADE SOCIAL, ORIENTAÇÃO SEXUAL E DIVERSIDADE NA ESCOLA: O QUE DIZEM PROFESSORAS E PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

### SOCIAL NORMATIVENESS, SEXUAL ORIENTATION AND DIVERSITY AT SCHOOL: WHAT DO PHYSICAL EDUCATION TEACHERS SAY?

### NORMATIVA SOCIAL, ORIENTACIÓN SEXUAL Y DIVERSIDAD EN LA ESCUELA: ¿QUÉ DICEN LAS MAESTRAS Y LOS MAESTROS DE EDUCACIÓN FÍSICA?

Marília Rocha AMANDO<sup>1</sup>

Iracema Campos CUSATI<sup>2</sup>

Marcelo Henrique Gonçalves de MIRANDA<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa as concepções sobre gênero e sexualidade na Educação Física expressas nos discursos de professores e professoras de Educação Física das Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM), da rede pública estadual de ensino no município de Petrolina-PE. Por meio de abordagem qualitativa, são apresentados aspectos relevantes extraídos da análise de conteúdo desenvolvida nas entrevistas semiestruturadas que foram realizadas. O resultado deste estudo aponta que as Escolas de Referência em Ensino Médio na cidade de Petrolina-PE não possuem em seus currículos, atividades e ações propostas voltadas à temática Orientação Sexual no contexto escolar. Além da ausência de discussões que possibilitem diálogos e levem conhecimento a respeito da diversidade sexual nas escolas, identificou-se que as aulas de Educação Física contribuem para a manutenção da cultura heteronormativa imposta pela sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Gênero. Homofobia. Formação de Professores(as). Diferenças e diversidade na escola.

**ABSTRACT:** This article analyzes the conceptions about gender and sexuality in Physical Education expressed in the speeches of Physical Education teachers from Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM), from the state public education network in the city of Petrolina-PE. Through a qualitative approach, relevant aspects extracted from the content analysis developed in the semi-structured interviews that were carried out are presented. The result of this study points out that the Reference Schools in High School in the city of Petrolina-PE, do not have in their curricula, activities and proposed actions aimed at the theme Sexual Orientation in the school context. In addition to the absence of discussions that enable dialogue and bring knowledge about sexual diversity in schools, it was identified that Physical Education classes contribute to the maintenance of the heteronormative culture imposed by Brazilian society.

**Keywords:** Homosexuality. Genre. Homophobia. Teacher Training. Differences and diversity at school.

**RESUMEN:** Este artículo analiza las concepciones sobre género y sexualidad en la Educación Física expresadas en los discursos de los profesores de Educación Física de

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6714-0946>, E-mail: marilia\_amando@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora na área de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares, Faculdade de Educação da USP, São Paulo/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4812-8412>, E-mail: Iracema.cusati@upe.br

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9805-4792>, E-mail: mm.marcelohenrique@yahoo.com.br

las Escuelas de Referência em Ensino Médio (EREM), de la red de educación pública estadual del municipio de Petrolina-PE. A través de un enfoque cualitativo, se presentan aspectos relevantes extraídos del análisis de contenido desarrollado en las entrevistas semiestructuradas que se realizaron. El resultado de este estudio apunta que las Escuelas de Referencia en la Enseñanza Media de la ciudad de Petrolina-PE, no tienen en sus currículos, actividades y acciones propuestas dirigidas al tema Orientación Sexual en el contexto escolar. Además de la ausencia de discusiones que posibiliten el diálogo y aporten conocimientos sobre la diversidad sexual en las escuelas, se identificó que las clases de Educación Física contribuyen al mantenimiento de la cultura heteronormativa impuesta por la sociedad brasileña.

**Palabras clave:** Homosexualidad. Género. Homofobia. Formación de Profesores. Diferencias y diversidad en la escuela.

## Introdução

Um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia, em 2018, revelou que a cada 20 (vinte) horas morre uma pessoa não heterossexual de forma violenta no Brasil, vítima da falta de empatia e do preconceito. Ao dar visibilidade a essas vítimas no país, foi possível identificar mulheres e homens, filhas e filhos, mães e pais, irmãs e irmãos; cidadãs e cidadãos assassinados pela ignorância de uma sociedade machista e misógina como se caracteriza a sociedade brasileira.

Casos perturbadores como o de Dandara dos Santos, nome social de Clenilson Ferreira de Vasconcelos, travesti, que foi vítima de homofobia e morreu após ser torturada por cinco homens no bairro de Bom Jardim, na cidade de Fortaleza-CE, em 15 de fevereiro de 2017. Aos 42 anos, ela foi espancada com chutes e tapas, recebeu dois tiros e uma pedrada na cabeça, que a levou a óbito por traumatismo craniano. Itaberli Lozano, outra vítima da homofobia, tinha apenas 17 anos. Ele foi atraído para sua casa, espancado por três adolescentes, mas como resistia às agressões, sua própria mãe, Tatiana Ferreira Lozano (33 anos), o esfaqueou diversas vezes no pescoço. Itaberli ainda teve o corpo queimado e abandonado em um canal da sua cidade.

Esses e diversos outros crimes chocantes trazem à tona alguns questionamentos, que podem ser sintetizados nas seguintes questões: O que leva pessoas a cometerem atos de crueldade com indivíduos apenas pela orientação sexual? Seria uma questão de criação? Discursos reproduzidos ao longo dos anos impregnam o indivíduo a ponto de torná-los homofóbicos? Que concepções auxiliam na compreensão da violência que vitimiza a população não heterossexual? É difícil responder com precisão a essas questões embora pesquisas tragam à luz muitas explicações que direcionam motivações. É fato, que vivemos em uma sociedade atravessada pela propagação de diferença, em que

inclusão e exclusão são polos antagônicos inter-relacionados de forma dialética<sup>4</sup>; onde os aspectos estéticos, as questões de gênero, raça, padrão socioeconômico etc. marcam o lugar de cada um, constituem suas relações e subjugam capacidades reputando estigmas.

Numa perspectiva, este artigo analisa as concepções sobre gênero e sexualidade na Educação Física expressas nos discursos de professores e professoras de Educação Física das Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM), da rede pública estadual de ensino, no município de Petrolina-PE. A escolha deste locus de investigação ocorreu pelo fato de ser a escola lugar de formação, de construção e apropriação de conhecimento, de estabelecimento de relações, ou seja, de ações típicas da cotidianidade como bem precisamente explicitou Agnes Heller (1989; 1994).

Para Heller (1989; 1994), a formação dos indivíduos inicia nas esferas da vida cotidiana. Diante disso e entendendo que a educação é um direito de todos, é importante que todo o cotidiano escolar seja permeado por relações horizontalizadas lidando com as diferenças inerentes à natureza humana já que na escola se vivencia uma variedade imensa de individualidades. Afunilando as individualidades e trazendo o contexto para a pessoa não heterossexual, este estudo apresenta questões importantes que envolvem a pessoa homossexual (pessoa que sente atração física e emocional por pessoas do mesmo sexo) no ambiente escolar, pois esta, certamente, já ouviu uma “piadinha” machista ou homofóbica, já passou por algum constrangimento fruto do preconceito e/ou já foi machucado física ou psicologicamente (PEGOLO DE ALBUQUERQUE; SOUZA, 2022).

A Educação Física escolar, objeto de reflexão deste estudo, transita por territórios nos quais os corpos, gêneros e sexualidades são estimulados ao discurso, seja de amor ou de ódio. O professor de Educação Física tem, como tarefa, despertar nos jovens uma educação em saúde e uma reflexão crítica sobre a cultura corporal (SILVA *et al.*, 2021). Além disso, discussões sobre discriminação de minorias nas escolas, principalmente os homossexuais, vem crescendo em pesquisas na área da Educação Física (OLIVEIRA; GODOI; SANTOS, 2014; EBLING DO NASCIMENTO; AFONSO, 2019; BESERRA; BRITO; RIBEIRO, 2019; LIMA; PESSOA; PEREIRA, 2022). Sendo assim, espera-se que os profissionais que atuam nesta área estejam atentos sobre seu papel na formação social, pois a Educação Física escolar deve abrir espaços para que as diferenças sejam

---

<sup>4</sup> O termo dialética foi aplicado no texto como o processo de diálogo entre interlocutores cujo a contraposição e contradição de ideias levam a outras ideias.

mais que notadas nas escolas, que elas ganhem vida, que desencadeiem reflexões, que problematizem e desestabilizem tudo que é dado como sendo o certo, natural ou normal.

Para Richard Parker (2018) a teoria da construção social ampara o argumento de que a sexualidade é construída de maneira diferente ao longo dos anos e através das culturas. Sendo assim, as identidades de gênero foram definidas através das relações sociais e pautadas nas redes de poder de uma sociedade onde as culturas insinuam divisões e rótulos diferentes para combinar experiências sexuais e de afeto.

Se a sexualidade é construída e sentida de diferentes formas através do tempo e das culturas, não existe uma cartilha que ensina como se deve sentir a sexualidade. É algo que cada indivíduo possui, pensa e vive de modo diferente uns dos outros. Não há um método que precise e ensine o adolescente o passo-a-passo de como agir, pensar e sentir o sexo. A sexualidade é intrínseca e extrínseca, igualmente. É mutável, instável e pessoal. Eis então a dificuldade dos professores em falar sobre a orientação sexual em sala (AMANDO; CUSATI; CARVALHO, 2019).

Analisar as concepções que professoras e professores têm sobre questões relacionadas a gênero e a homossexualidade, ajudará a encurtar o caminho para a desconstrução de concepções errôneas e preconceituosas relacionadas à orientação sexual dentro das escolas.

### **Caminhos metodológicos**

O presente estudo de natureza analítico-descritiva com abordagem qualitativa retrata aspectos que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2002). A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas visando analisar o conhecimento cotidiano propiciado pelas teorias subjetivas em campos como escolas e outros espaços de trabalho profissional (FLICK, 2009).

No primeiro momento, foi realizada uma visita nas escolas para que fosse feita uma apresentação do projeto de investigação e agendar dia e horário das entrevistas com professores e professoras de Educação Física. As entrevistas foram realizadas individualmente e foram audiogravadas com o consentimento de cada participante. Os encontros com os(as) professores(as) ocorreram entre o último trimestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019 com duração média de 40 minutos.

Para a organização e análise dos dados, foi adotado um plano de descrição, interpretação e explicação por meio do qual as categorias discursivas foram identificadas e analisadas. Utilizando da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2000, p. 42) pode ser entendida como “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, foram tabulados os “objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não)” que permitiam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das falas.

A análise de conteúdo foi adotada por ressaltar a existência de palavras, frases e expressões dentro de um texto ou conjunto de textos, de acordo com o objetivo dessa investigação. As falas das colaboradoras e dos colaboradores da pesquisa foram analisadas por meio das transcrições dos áudios obtidos nas entrevistas realizadas com as(os) professoras(es) participantes.

De acordo com Minayo (2002), “o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado, sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”, ou seja, permite que, através do material pesquisado, possamos verificar as hipóteses ao observar a entrelinhas.

Assim, as transcrições permitiram que a categorização e organização dos diversos enunciados ou unidades de classificação que, no caso do presente estudo, foram considerados como categorias, fossem definidas. Para as análises, foram elencadas as seguintes categorias: cultura e heteronormatividade, homofobia, identidade, religião, preconceito e docência.

Diante do exposto, faz-se necessário informar que este Protocolo de Pesquisa obedeceu aos preceitos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Pernambuco, nos termos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sob número do parecer 2.752.871 e CAAE 9185638.7.0000.5207.

### ***Conhecendo a(o)s participantes da pesquisa...***

Participaram desta pesquisa todos(as) os(as) professores(as) de Educação Física que atuam nas 8(oito) Escolas de Referência em Ensino Médio de tempo integral da cidade de Petrolina-PE. É importante ressaltar que os nomes elencados a seguir são nomes fictícios, a fim de preservar a verdadeira identidade da(o)s participantes.

A primeira entrevistada foi a professora **Madalena**, mulher parda de 27 anos que se declara heretosssexual. Católica praticante, graduada em Educação Física, possui pós-graduação em Educação Física Escolar e em Atividade Física, Saúde e Sociedade. Filha de produtores rurais, natural de Pindaí, Sudoeste Baiano, cidade de aproximadamente 15 mil habitantes, a professora relata sobre o local onde nasceu e morou até meados de 2014: *“Lá você tem duas alternativas, ou você vai estudar, se ralar e ralar mesmo; estudar e sair, porque lá na minha cidade não tem nenhuma Universidade, não tem nenhuma base (...) ou você vai estudar ou você vai casar, ter filhos e esperar o marido oito meses indo pro corte de cana (...) oito meses ele fica em São Paulo, quatro ele fica com a família, essa é a realidade”*.

Madalena sempre foi incentivada pelo pai a estudar e, aos 17 anos, saiu da cidade para cursar Educação Física na cidade vizinha, Guanambi. Dentre os cursos à disposição na cidade - Enfermagem, Pedagogia, Educação Física e Administração -, Madalena optou pela Educação Física e se considera uma profissional realizada na área: *“o (curso) que eu mais me identifiquei foi Educação Física. Eu falei, é por esse caminho que eu vou. E aí foi onde tudo começou (...) é a minha área, sou realizada na minha área”*. Madalena chegou a Petrolina-PE através de um concurso público, em 2014, onde permanece até hoje como professora efetiva.

O segundo entrevistado foi o professor **Jean**. Um homem de 25 anos, pardo, heterossexual que declara ser agnóstico. Ele é natural do Rio de Janeiro-RJ, onde se formou em Educação Física. Entrou na faculdade com a intenção de seguir na linha do desporto e trabalhar com treinamento esportivo, mas devido ao seu contato com a licenciatura e com sua aproximação sobre os aspectos da Educação, Jean enveredou para a área escolar.

A vinda para Petrolina-PE aconteceu devido ao egresso de Jean no Mestrado em Ciências da Saúde, na Universidade Federal do Vale do São Francisco. No curso, Jean conheceu e começou a participar de um grupo de estudos que discute gênero e sexualidade, e devido ao conhecimento adquirido na pós-graduação, ele afirma ter desconstruído muitas convicções heteronormativas: *“Muitas coisas que a gente aprende desde pequeno, em sociedade e tudo, eu já consegui perceber e mudar”*.

**Luciano**, o terceiro na ordem das entrevistas, foi o professor mais monossilábico dos entrevistados. Ele é um homem branco, heterossexual e tem 38 anos. É de religião protestante e se mostrou inquieto e incomodado com o tema. Luciano é licenciado em Educação Física desde 2006 e atua como professor efetivo da rede estadual desde 2014.

O professor Luciano teve seu primeiro contato com o magistério ainda quando era estudante de Educação Física. Um dos seus professores precisava se ausentar para tratar de questões relacionadas ao doutorado e ofereceu a Luciano a chance de ficar em seu lugar: *“Em 2005, um professor de Educação Física, que era meu professor, ele precisou fazer doutorado e aí ele me convidou para ficar no lugar dele. Eu era estudante e fui aluno dele, aí passaram-se dois anos depois que eu me formei e ele me chamou para ocupar o lugar dele. Fiquei por 6 meses. De lá pra cá eu não saí mais da Educação”*.

A professora **Cecília**, quarta entrevistada, é uma mulher de 44 anos, casada, parda, que se declara de religião Umbanda. Ela se formou em um curso EaD de Técnico em Educação Física, em 2017, mas alega estar nessa profissão a mais de 20 anos.

O interesse de Cecília pela Educação Física se deu pelo fato de ela ter sido atleta de handebol durante sua adolescência. A professora e ex-atleta teve seu primeiro contato com a docência quando passou a ser técnica dos times de handebol da sua região, conforme comentou: *“Eu entrei para ser técnica e no meu primeiro estágio eu adorei ser professora [...] então daí foi”*.

O quinto entrevistado foi o professor **Borges**. Ele tem 33 anos, é um homem pardo e heterossexual. Borges se declara católico, possui treze anos de experiência como professor e atua como professor efetivo da rede estadual desde 2015. O interesse de Borges pela Educação Física nasceu enquanto ele era membro do grêmio estudantil da sua escola e precisou fundar uma torcida organizada para o período dos jogos escolares. A partir daí, começou a se envolver e foi *“tomando gosto por aquele espaço da escola”*.

Na sequência das entrevistas tive contato com o professor **Jair**. Um homem pardo e heterossexual de 38 anos, sergipano, graduado em Educação Física e pós-graduado em Atividade Física para adultos especiais; é evangélico protestante e considera a heterossexualidade como única prática sexual aceita. Jair, que atua como professor da rede estadual de Pernambuco desde 2014 enfatizou: *“Eu como sou evangélico, creio no que na bíblia está escrito. Eu assim, eu creio que o homem nasceu para se casar com a mulher, e a mulher com o homem. Deus criou o homem e a mulher e ele casou os dois. Não foi dois homens, nem duas mulheres”*.

**Manuela** foi a sétima na ordem dos entrevistados. Uma mulher parda de 36 anos, heterossexual, mãe, que atua como professora desde 2005. Ela concluiu a graduação em Educação Física em 2005, na Universidade Estadual da Paraíba. É pós-graduada em Noções Básicas de Treinamento Esportivo (UNIESB) e possui mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. De religião Kardecista, a

professora também é integrante do mesmo grupo que discute gênero e sexualidade que o professor Jean. Manuela afirmou que o mestrado lhe trouxe novos conhecimentos e argumentou que as pessoas precisam entender que independentemente de questões de crenças, de como foi educada pela família, a sociedade tem um leque de possibilidades e opções, *“de orientações para trilhar caminhos diferentes. As pessoas não precisam ser engessadas ou do jeito que eu quero que elas sejam, elas precisam ser elas. Eu passo muito isso para os meus alunos, eles precisam rotular menos e viver mais, respeitar mais”*.

Na sequência das entrevistas, professora **Ana** foi a penúltima entrevistada. Mulher parda e heterossexual de 28 anos, acredita não ser ligada a nenhuma religião. Com apenas 2 anos de profissão e um ano de vínculo na rede estadual de Pernambuco, natural de Areia Branca-Sergipe onde se formou em Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal, a professora relatou como ocorreu seu contato com a Educação Física: *“Eu passei para ser professora de Educação Física por conta de um professor de Educação Física que eu tive no primeiro ano do ensino médio. Eu gostava da forma que ele abordava os conteúdos e via que não era só esporte. Eu já fui para a universidade sabendo que não era só esporte a Educação Física. Então, eu fiz a licenciatura ciente de que ia ter que trabalhar a contextualização, o contexto histórico das modalidades, e tudo mais”*.

O nono e último entrevistado do presente estudo foi o professor **Paulo**, um homem pardo de 42 anos, heterossexual, católico e natural de Petrolina-PE. Assim como Cecília, ele também é ex-atleta de handebol. A formação de Paulo se deu por meio do esporte. Devido ao seu contato com o handebol, ele conseguiu uma bolsa para estudar em Recife na Universidade de Pernambuco em 1995. Por influência do irmão, também professor de Educação Física, Paulo seguiu para a capital na esperança de adquirir mais conhecimentos a respeito na modalidade que praticava. Porém, no decorrer do curso, viu que poderia seguir outros caminhos e se encontrou no cotidiano escolar que admite gostar de fazer parte até hoje.

### ***Conhecendo as concepções da(o)s entrevistada(o)s***

Para Richard Miskolci (2007), a heteronormatividade pode ser vista como um conjunto de prescrições de comportamentos que fundamentam processos sociais que regulam e controlam os indivíduos, anunciam suas obrigações, demandas e expectativas



que derivam da compreensão da heterossexualidade como sendo natural, fato enraizado na sociedade:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (BERLANT; WARNER, 2002, p. 230).

Nesse caminho, o cotidiano escolar, que privilegia e decorre de forma heteronormativa, é um dos lugares onde persiste a (re)produção da misoginia, da homofobia, dentre outras violências (VENTURI; BOKANY, 2018).

Na maioria das entrevistas, foi possível perceber certo desconforto dos participantes em discorrer sobre as questões propostas pelo presente estudo, principalmente pela dúvida explícita sobre a compreensão do que é gênero e sexualidade. O professor Jean, quando questionado sobre as práticas esportivas desenvolvidas na escola em que atua e relacioná-las às questões de gênero, relatou:

*Se eu abordar, chegar em uma escola e falar que tal prática o menino também pode fazer, falar: ‘Olha, o menino também pode fazer balé [...] Se você quiser você pode fazer balé’. É capaz de no outro dia o pai ir na escola e falar: ‘Olha, o professor de vocês está incentivando o meu filho a fazer balé’. Ele vai associar com o homossexualismo (Prof. Jean, 25 anos).*

A declaração do professor Jean vai ao encontro do que afirma Bortolini (2015), que diz que por mais que não esteja explícita em nenhuma diretriz educacional, a escola atua com valores voltados para manutenção da heterossexualidade como norma, separa atividades por gênero e não produz atividades efetivas de combate à homofobia; esse parece ser um conteúdo curricular adotado pelas instituições de todo país e é reforçado pelos pais devido às suas representações. Dessa forma, os esportes ditos e/ou tachados esportes de meninos, não deveriam ser praticados por meninas, pois foge à norma.

A afirmação do Professor Jean coaduna ainda com o que destacou Louro (2011), ao afirmar que de acordo com a dicotomia em que a sociedade brasileira vive, os discursos e os métodos que são exigidos no processo de masculinização, implicam na rejeição de práticas e/ou características que fazem referência ao gênero feminino. A autora afirma ainda, que tais rejeições se materializam na negação e repulsa às práticas e marcas sinalizadas como sendo femininas.

Deleuze e Guattari (1980) descrevem o sujeito moderno do sistema capitalista por dois paradigmas: o da servidão (a escravidão) e o da sujeição, que seria a sujeição dos indivíduos às regras e objetivações. Com isso, as formas e as figuras da subjetividade são moldadas e criadas na história, através das categorias sociais e das instituições, que podem vir a ser de ordem política, religiosa, artística, entre outros; e são controladas massivamente por dispositivos de poder. Diante disso, alguns indivíduos sugerem que práticas consideradas masculinas só podem ser praticadas por meninos, pois uma menina praticando esporte de menino pode descaracterizar sua feminilidade, ou moldá-la de forma errada. Um dos entrevistados comentou:

*Havia uma menina que fazia judô. Na percepção do pai dela, ela estava deixando de ser menina. Então, ele a tirou do judô que era uma prática que ela gostava e colocou no balé, prática que ela nunca demonstrou interesse, só porque a família achava que o balé ia fazê-la ficar mais princesa (Prof. Jean, 25 anos).*

Atitudes como a relatada acima, podem contribuir para a exclusão social do(a) estudante. Uma vez que ele(a), antes inserido em uma prática que gostava, terá que primeiramente se conformar em não mais fazê-la e, posterior a isso, tentar se interessar e se enturmar com o novo esporte sugerido, suas representações e particularidades, o que pode acabar não acontecendo.

É perceptível que existem relações pré-estabelecidas em cada esporte. Prado e Ribeiro (2016) afirmam que a Educação Física historicamente contribuiu para a reprodução da heterossexualidade a partir da implementação de seus conteúdos, o que contribuiu para a exclusão social de indivíduos não heterossexuais.

Os autores alegam que a pouca produção científica que relacione homofobia e Educação Física escolar, por exemplo, é uma das limitações na produção de conhecimento, que acabam restringindo as opções nas quais professores de Educação Física possam se basear para planejar suas intervenções, suas aulas, e para que possam sair do (des)conhecimento em relação aos padrões de comportamento que subjagam e reprimem outras formas e manifestações que não estejam de acordo com padrões pré-estabelecidos.

Em decorrência da falta de informação ou até mesmo da falta de interesse em buscar informações referentes a estes temas, muitas das falas dos entrevistados do presente estudo faziam uso de termos considerados inapropriados, tais como “homossexualismo”, “condição”, “opção sexual”. Essas questões poderiam ser

abordadas/discutidas em palestras, rodas de conversa ou qualquer evento sobre temas relacionados a gênero e sexualidade, a fim de promover debates positivos, desconstruindo crenças que na maioria das vezes são absolutamente infundadas.

É sabido que devido à banalização da homofobia, a maioria das situações de constrangimento sofridas por pessoas não heterossexuais, tais como, piadas, xingamentos e perseguições, não são compreendidas como sendo atitudes de violência, passando a serem realocadas como “brincadeiras” entre os adolescentes. Essas situações, que deveriam ser mediadas pelos(as) professores(as), são partilhadas por eles(as). Prado e Ribeiro (2016) afirmam que a banalização da homofobia por parte dos profissionais de Educação Física é notória e os acompanha desde sua formação, pois os mesmos reproduzem piadas pejorativas lançadas às pessoas não heterossexuais.

No entanto, o professor Borges sugere cautela e paciência ao estudante não heterossexual, dizendo: “*A sociedade está começando a amadurecer ainda, tenha paciência, espere seu momento, eu digo (ao aluno)*” (Borges, 33 anos). As falas do professor sugerem que os estudantes homossexuais devam esperar a “hora certa” para viver as manifestações de afeto e as relações que desejam, pois a escola, as crenças e/ou núcleo familiar não permitem determinadas manifestações da sexualidade.

Um estudo realizado em uma universidade pública da Região Sudeste do Brasil (FERNANDES *et al.*, 2017), onde os pesquisadores tinham como um dos objetivos conhecer as percepções de jovens, que se identificam como homossexuais, sobre as violências vividas durante a sua vida, incluindo a fase escolar, e identificar as possíveis relações com a vulnerabilidade ao HIV/AIDS; revelou em todas as entrevistas que as expressões de violência estavam associadas à ideia de que as vítimas não se encaixavam em um modelo de masculinidade, ou seja, por apresentarem características diferentes do tipo tachado como másculo e viril - considerado o mais apropriado para homens - sofriram agressões e/ou eram rejeitados por aqueles que se consideravam superiores, por estarem de acordo com o “modelo” padrão de masculinidade.

Se o estudante homossexual não consegue ter suas características reconhecidas, respeitadas e aceitas no ambiente escolar, seja nas aulas de Educação Física, ou em qualquer outro local da escola, ele acaba reprimindo suas ações e desejos. Além do medo das manifestações de violência física, os estudantes homossexuais ainda sofrem com o “apontar dos dedos” de pessoas que reproduzem explicações ético-morais encontradas nas crenças de que ser homossexual está relacionado com a falta de caráter, de respeito e de valores morais (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002; MADUREIRA; BRANCO,

2015). Contudo, o professor Borges não concorda que a escola subjugue as necessidades dos estudantes homossexuais, alegando que até existem sujeitos homossexuais em seu ambiente de trabalho: *“Eu não acho que a escola tenha um julgamento tão malvado, ou deixa de dar esse apoio. Aqui nós temos muitos homossexuais. Homossexuais masculinos e homossexuais femininos”* (Borges, 33 anos).

Talvez o professor Borges não tenha a compreensão real do que estamos tentando promover ao tentarmos dialogar sobre essa temática, pois não se trata apenas sobre aceitar ou não um sujeito homossexual na instituição de ensino, pois isso é constitucional, é um direito. Estamos tentando dialogar sobre como tornar a rotina escolar menos dolorosa para estes estudantes.

A maioria dos participantes do presente estudo, quando questionados sobre como se dava a abordagem do tema orientação sexual nas EREM em que eles atuavam, alegaram que não existe nenhum trabalho voltado ao tema e nem de prevenção no que diz respeito às atitudes preconceituosas existentes no contexto escolar, como constatado abaixo:

*Eu acredito que eu não tenha visto [...] não sei se é porque eu estou sempre dentro da sala de aula ou na quadra, pode ser que eu não tenha visto* (Borges, 33 anos).

*Eu nunca abordei assim, a fundo* (Cecília, 44 anos).

*Não é sistemático, mas eu percebo uma vontade e uma percepção de que é importante, só que ainda é muito difícil de pensar como trabalhar isso na prática* (Jean, 25 anos).

*Não faz parte do projeto do PPC da escola. Só quando algum aluno sofre bullying pela orientação sexual* (Madalena, 27 anos).

*Homossexualidade... nos assuntos em si eu acho que eu não trabalhei ainda* (Ana, 28 anos).

A única professora que afirmou desenvolver atividades relacionadas ao tema orientação sexual foi a professora Manuela: *“Sim, sim. Aqui inclusive, existe acompanhamento psicológico, os pais muitas vezes são chamados para ‘terem’ palestras ou conversar com a coordenação sobre essas questões com os filhos. E também tem a questão do fato de vários professores abordarem isso em sala de aula. Não é uma coisa isolada da Educação Física. Então, a gente tem um leque muito grande, uma rede, não é um leque, mas uma rede de professores e coordenação que trabalha esse tema com os alunos”* (Manuela, 26 anos).

Na cidade de Petrolina-PE, sob Lei nº 2.985, publicada pelo município de Petrolina/PE, em 19 de dezembro de 2017, ficou proibida a realização de atividades que abordem temas relacionados à ideologia de gênero, diversidade sexual ou educação sexual. A proibição afetou tanto as escolas públicas, quanto as privadas, burlando, desrespeitando e afrontando as garantias asseguradas pela constituição brasileira referente ao direito à educação.

Ao questionar a professora Manuela sobre se ela sabia da existência dessa lei, ela não esperou a pergunta ser concluída e disse:

*Eu vou discutir; porque eu acho assim, eu acho ridícula essa proibição. [...] Porque existem pessoas que por causa de crenças religiosas ou de conceitos que são pessoais, que não estudaram de formas psicológicas, que não estudaram gêneros e que acham simplesmente que podem criar uma lei sem nenhuma base científica para isso. Eles simplesmente agem por aquilo que eles acreditam, pelos seus preconceitos, né? Eu digo muito para os meus alunos, a qualquer momento pode entrar um policial na minha sala e me prender por eu estar fazendo aquilo que eu acho que é certo. E eu digo a eles, o certo vai continuar sendo o certo, independente daquilo que me digam que não é permitido fazer. (Manuela, 36 anos).*

A ausência de práticas voltadas ao trabalho em orientação sexual nessas escolas pode estar relacionada à dificuldade em tratar este tema. Balbino, Silva e Abreu-Júnior (2016), afirmam que questões polêmicas como sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero tendem a permanecer silenciadas por uma sociedade que atua baseada em relações conservadoras, como é o caso da sociedade brasileira.

De acordo com Werebe (1998), o trabalho de Orientação Sexual precisa ser pensado em torno das necessidades do aluno, centrado nos seus questionamentos, particularidades e desejos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1988), o capítulo voltado para o tema Orientação Sexual enfatiza os objetivos educacionais de trabalhar o tema buscando considerar a sexualidade como algo essencial à vida e à saúde; englobando as relações de gênero; o respeito com si e com o próximo em relação à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes em nossa cultura; reforça a necessidade de prevenção de DST/AIDS e da gravidez não planejada durante a adolescência; além de diversas questões consideradas polêmicas. Entretanto, essa discussão esbarra em dois de grandes desafios no avanço da formação em Orientação Sexual nas escolas, o conservadorismo e a religião. Alguns relatos retratam esses pontos:

*Tem professores que vêm com essa ideologia de que não se deve trabalhar, ou que isso é obrigação dos pais [...] esses temas eles foram tidos como obrigações apenas da família (Madalena, 27 anos).*

*O aluno, ele precisa receber informações sobre isso, precisa trocar ideias sobre isso (...) o problema é que tem professores que não aceitam, devido à sua cultura, devido à sua formação, devido à sua religião (Madalena, 27 anos).*

*Tem professor que prefere nem tratar. Eu percebo que tem professor que se você for falar sobre isso ele prefere não tocar no assunto (Jean, 25 anos).*

*Tem algumas pessoas que são evangélicas e pela conversa, eu acho que ele acha que o tema não cabe a nós professores (Ana, 28 anos).*

Essa falta de interesse, expressada pelos educadores, em discutir o tema Orientação Sexual nas escolas empobrece o debate. Tal desinteresse pode ser justificado pelo preconceito ou falta de habilidade em ter que falar abertamente sobre temas como a homossexualidade. No município de Cajazeiras-PB, 23 professores da rede pública consideram as manifestações homoafetivas como um desvio de comportamento, como uma anormalidade. Alguns educadores inclusive recomendam auxílio médico (NOGUEIRA; ALMEIDA, 2011).

O trabalho realizado por Oliveira, Godoi e Santos (2014), investigou a opinião de professores de Educação Física que atuam no ensino médio, no município de São José dos Quatro Marcos, interior de Mato Grosso, sobre homofobia e homossexualidade na escola. O estudo mostrou que 66,6% dos professores acham que a homossexualidade é doença ou algo desviante do normal.

Santos e Matthiesen (2012) afirmam que além da necessidade de preparo dos profissionais de Educação Física, eles precisam mostrar-se sensíveis às questões que envolvem as sexualidades dos adolescentes, na tentativa de interpretar quais demandas e prioridades devem ser discutidas em suas aulas. Além disso, concordando com os achados do presente estudo, os(as) professores(as) dizem não conhecer metodologias para abordar a questões relacionadas à diversidade sexual e apontam a necessidade de formar/instruir

primeiro o corpo docente, para depois promover ações de formação em educação sexual com os estudantes. As falas demonstram:

*Tem que ser discutido, tem que ter uma base para se chegar ao aluno. Primeiro tem que formar o professor para depois formar o aluno. E eu acho que essa formação do professor ainda é fraca (Madalena, 27 anos).*

*Eu acredito que falta interesse da comunidade escolar como um todo (Luciano, 38 anos).*

*Não dá pra colocar esse conteúdo dentro da minha formação, mas eu posso entrelaçar sempre nos assuntos que eu vou trabalhar, por exemplo, a ginástica, na dança, então sempre dá para estar trazendo esse assunto (Borges, 33 anos).*

*Eu acho importante também trabalhar esse tema com os próprios professores antes de pensar em trabalhar com o aluno. Por que tem professor que sabe né? São professores com muitos anos de formação já, então não tiveram muito contato com isso. Não foram formados [...] eu acho complicado um tema desse tamanho ele não ser preparado enquanto professor, é um debate muito polêmico para ser abordado sem formação” (Jean, 25 anos).*

*“O que tem que fazer antes de trabalhar na sala de aula é a conscientização dos professores de como trabalhar o tema, como é um tema polêmico [...] então assim, o professor ele não deve se colocar na primeira pessoa, digamos assim ‘você têm que fazer do jeito que eu quero’, não. A gente tem que trabalhar na terceira pessoa, no todo. Isso já vai dá uma diferença muito grande no tema. Mas a gente sabe que tem professores que não são preparados para lidar, porque você precisa estudar” (Paulo, 42 anos).*

As declarações confirmam a necessidade de uma formação em Orientação Sexual dos(as) professores(as) de Educação Física das EREMs de Petrolina, pois além da confirmação da falta de conhecimento sobre o tema e das dificuldades sobre a diferença entre gênero e sexualidade, as falas dos entrevistados possuem certa carga de preconceito baseadas em suas concepções.

Balbino, Silva e Abreu Júnior (2016) afirmam que os professores e professoras precisam estar preparados para lidar com questões relacionadas à gênero e diversidade sexual no contexto escolar, principalmente por possuírem um papel importante na formação de opiniões. Os pesquisadores afirmam ainda, que os educadores como mediadores e construtores de opiniões devem munir-se de informações baseadas em fundamentos teóricos e livrar-se de conceitos preconcebidos. Assim, eles estariam preparados para abordar com segurança essa temática.

O professor Jean, apontou alguns dos problemas enfrentados na escola em que ele atua relacionados a essa discussão:

*Fora um monte de coisa que inventam. [...] Ah! É o kit gay (Jean, 25 anos).*

*O problema com esse tema, é que porque infelizmente ele está muito associado a um posicionamento político e eu acho que isso prejudica um pouco o debate, porque é um tipo de questão que deveria ser para além do que você pensa como política, como projeto de governo, de vida (Jean, 25 anos).*

*Se eu começo a falar, não dá nem tempo de terminar. Eu começo: ‘orientação sex...’ aí já começam, ‘ah, é de esquerda, comunista (Jean, 25 anos).*

*Hoje se tem a ideia do politicamente correto, às vezes nem ele (o professor) acredita no que ele está falando e ele reproduz uma série de coisas que alimentam ainda mais o preconceito (Jean, 25 anos).*

Em 2018, o tema Orientação Sexual foi bastante discutido durante as eleições presidenciais no Brasil. O agora ex-presidente Jair Bolsonaro (PSL), usou o suposto “kit gay” como pauta de sua plataforma o que gerou polêmica com o seu principal concorrente. O Kit Gay, segundo Bolsonaro, seria um conjunto de livros, cartazes e filmes nos quais as crianças apareciam se acariciando e meninos se beijando<sup>5</sup>. Este momento ensejou rugas que acabaram por prejudicar o debate sério, urgente e necessário sobre diversidade sexual nas escolas.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/bolsonaro-insiste-em-fakenews-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 04/03/2019.



O que o ex-presidente, juntamente com a bancada evangélica apelidou pejorativamente de Kit Gay, causando grande repercussão, fazia parte de uma ação educativa do programa Escola Sem Homofobia, que começou a ser desenvolvido ainda em 2008 (ROMANCINI, 2018).

Falsas informações, somadas a posicionamentos descontextualizados de alguns educadores, prejudicam discussões e ações sérias e necessárias para melhor incluir o/a estudante homossexual no contexto escolar.

Santos e Lucini (2016), analisaram o significado da temática representações sociais, papéis de gênero e diversidade sexual para os(as) professores(as) de uma escola pública de Sergipe, na cidade de São Cristóvão/SE, e verificaram que há uma carência de conhecimento e formação sobre a temática. Eles identificaram também, que os professores sentem dificuldades em como proceder em situações de conflito que envolva gênero e sexualidade. Alguns dos professores e professoras participantes do presente estudo, até relataram compreender a importância em abordar esse tema na escola e a necessidade de uma formação em Orientação Sexual, mas admitiram não saber como proceder, o que dizer ou como fazer:

*Eu acho que nós educadores devemos ter a mentalidade mais ampla, pois trabalhamos com toda diversidade. Você não pode querer viver em um mundo fechado, mas tem pessoas que a religião deixa fechado, a criação deixa fechado (Cecília, 44 anos).*

*Eu percebo uma vontade e uma percepção de que é importante, só que ainda é muito difícil de pensar como trabalhar isso na prática (Jean, 25 anos).*

*Ter essa temática dentro da escola seria uma possibilidade a mais para que ambos, independentemente, da sua orientação sexual, pudessem ter vivência com o assunto (Madalena, 27 anos).*

*Os meninos, eles têm muitas perguntas. Se você chegasse em outro momento aqui na sala de aula e pedisse 5 minutos, se você fizesse uma pergunta dessas aqui na sala de aula, você ia ver o debate, você não saía mais da escola hoje. Porque assim, eles têm as dúvidas e eles preferem tirar as dúvidas com pessoas que eles não conhecem. Porque quando eles vão falar com o pai ou a mãe, eles ficam com*

*vergonha de tirar essas dúvidas. Então eles vêm e tiram as dúvidas aqui na escola. Mas aí eles chegam numa sala de aula e se o professor ele não tem uma maturidade ou um grau de conhecimento, ele deixa a turma fazer virar uma chacota e aí ele reprime. Tem professor que é muito difícil de trabalhar esses temas (Paulo, 42 anos).*

Diante do exposto, foi possível perceber que as escolas participantes do presente estudo se recusam a discutir essa temática de forma comprometida, contribuindo para o descaso no que diz respeito às necessidades de estudantes não heterossexuais; e “se não há um fazedor por traz do feito, então quem ou o que deveríamos culpar nos discursos de ódio (sexual, racial, etc.) e de ‘obscenidade’?” (SALIH, 2018, p. 139). A reprodução heteronormativa de sentidos, crenças e valores que a escola imprime na sociedade desde longos anos, acomete estudantes homossexuais com danos psicológicos e sociais (PEGOLO DE ALBUQUERQUE; SOUZA, 2022).

Britzman (2018) alega que só será possível dialogar sobre Orientação Sexual nas escolas, quando educadores e educadoras se tornarem curiosos sobre as dimensões dessa discussão.

Quando pudermos estudar as histórias que o sexo provoca, as perversidades que ele pode imaginar e exercitar, então, provavelmente, nos envolveremos também no estudo de onde o conhecimento entra em colapso, torna-se ansioso e é construído outra vez (BRITZMAN, 2018, p. 140).

Deste modo, é possível afirmar que a maioria dos professores de Educação Física das EREMs de Petrolina, além de não compreenderem a complexidade da temática, se mostram pouco interessados em abraçar um papel educativo relacionado às questões que envolvem o tema Orientação Sexual, o que pode ser justificado pelo medo de retaliações das instituições religiosas e do poder municipal, tendo em vista a vigência da Lei que proíbe a abordagem de conteúdo desta natureza. Diante da falta de diálogos sérios e compromissados, muitos sequer conseguem diferenciar gênero e sexualidade.

Além disso, o preconceito de alguns professores reforça atitudes discriminatórias, negando a necessidade de um trabalho que minimize a reprodução heteronormativa nas escolas. Os que se mostram menos resistentes em abordar o tema apontam a falta de incentivo por parte da escola e reconhecem a necessidade de uma formação em Orientação Sexual voltada primeiro aos professores para depois chegar ao alunado. É importante reconhecer que a formação de professores/as, seja ela inicial ou continuada,

precisa ser voltada não somente às questões que combatam à discriminação e os diversos tipos de preconceitos relacionados aos estudantes homossexuais, mas como a todos aqueles indivíduos que não se consideram heterossexuais.

### **Considerações finais**

As investigações do presente estudo apontam que as Escolas de Referência em Ensino Médio na cidade de Petrolina-PE não possuem em seus currículos, atividades e ações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o tema Orientação Sexual no contexto escolar.

Além da ausência de discussões que possibilitem diálogos e levem conhecimento a respeito da diversidade sexual nas escolas, foi possível perceber que as aulas de Educação Física na maioria das escolas contribuem para a manutenção da heteronormatividade, pois ainda trabalham seus conteúdos embasados em representações que ditam participação por gênero em cada esporte.

A cultura heteronormativa imposta pela sociedade brasileira impõe regras e seguimentos que ditam e limitam o que é certo e errado a respeito da sexualidade. A heteronormatividade assumida e reforçada na esfera escolar favorece o desinteresse dos/as professores/as em buscar informações a respeito de maneiras menos normativas de vivenciar a sexualidade. Essas informações poderiam contribuir para a diminuição da homofobia nessas instituições.

Outro fator preocupante é a reprodução de discursos discriminatórios. Geralmente tachados como piadas e/ou brincadeiras, ajudam a aumentar a banalização da homofobia, contribuindo para a continuidade do desrespeito e da discriminação do estudante homossexual.

Discursos prontos, baseados no “politicamente correto” também se fizeram presentes neste estudo. Todos os participantes, quando informados sobre o tema da pesquisa, mostraram-se desconfortáveis; uns pelas suas crenças e outros pela complexibilidade. Através dos resultados, foi possível perceber que tal desconforto pode ser justificado pela falta de conhecimento e diálogo sobre o tema ou pelo preconceito com o sujeito homossexual. Preconceito que foi cunhado pelas representações heteronormativas, existentes em valores religiosos, culturais e sociais.

Para abordar o tema Orientação Sexual no ambiente escolar, é necessário que haja a compreensão de que a falta de informação - fruto da ausência de discussões e diálogos

relacionados à diversidade sexual - atrasa o rompimento das normas e regras heteronormativas. É urgente o desenvolvimento de políticas que envolvam os(as) professores(as) em uma formação séria sobre a diversidade sexual, a fim de acabar com as variadas formas de discriminação que colocam a pessoa não heterossexual à margem da sociedade, reprimindo seus comportamentos e alimentando situações de violência que por muitos anos vem custando a vida dessas pessoas.

Por fim, espera-se que novas questões e futuros estudos referentes ao tema Orientação Sexual se apresentem, a fim de compartilhar conhecimento, quebrar tabus, minimizar a exclusão dos alunos não heterossexuais, desestigmatizar as regras de heteronormatividade impostas pela sociedade brasileira e confrontar estas questões com o mundo da vida e com as tradições sociais, estabelecendo relações humanas que se caracterizam numa normatividade social.

### Referências

- AMANDO, M. R; CUSATI, I. C; CARVALHO, O. F. Normatividade Cultural e marginalização das sexualidades: o preconceito no ambiente escolar contra a pessoa LGBT. **Momento: Diálogos em educação**. v. 28, n. 3, p. 128-147, set./dez. 2019.
- BALBINO, E. S; SILVA, M. K; ABREU-JÚNIOR, L. M. Gênero e diversidade sexual: a (in)visibilidade da educação sexual na escola. **Educação, Gênero e Diversidade**, v. 9, n. 1, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BERLANT, L; WARNER, M. Sexo em Público. In: Jiménez, R. M. M. (editor) **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, p. 229-257, 2002.
- BESERRA, J. T.S; BRITO, A. K. A; RIBEIRO, S. L. G. Homofobia nas aulas de educação física: um desafio para os professores de educação física do município de Buriti dos Montes – Piauí. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, v.7, n. 2, p. 81-90, jul./dez. 2019.
- BORTOLINI, A. O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas. **Cadernos Pagu**, n. 45, p. 479-501, dez. 2015.
- BRASIL, **Ministério da Educação**. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRITZMAN, D. Curiosidades, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. Ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 105-142.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- EBLING DO NASCIMENTO, D; AFONSO, M. R. Dança e Educação Física:

narrativas sobre a formação inicial de professores/bailarinos homossexuais. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n. 2, p. 224-251, jul./dez., 2019.

FERNANDES, H; OLIVEIRA, E. M; VENTURA, R. N; HORTA, A. L. M; DASPETT, C. Violência e vulnerabilidade ao HIV/AIDS em jovens homossexuais e bissexuais. **Acta Paul Enferm.**, v. 30, n. 4, p. 390-396, 2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, 2009.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Relatório 2018: Assassinatos de LGBT no Brasil**. Salvador. Disponível em:  
<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>>

HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. 4. ed. Barcelona: Península, 1994.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Reflexão e Crítica**, v.1, n. 15, p. 165-178, 2002.

LIMA, E. S; PESSOA, K. L. S. C; PEREIRA, A. S. M. Dentro e fora da norma: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 34, n. 65, p. 01-18, Florianópolis, 2022.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

MADUREIRA, A. F. M; BRANCO, A. U. Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, J. A; ALMEIDA, S. A. Diversidade sexual no contexto escolar: percepção e atitudes dos educadores. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 459-466, 2011.

OLIVEIRA, X. F; GODOI, M. R; SANTOS, L. N. A opinião dos professores de educação física do ensino médio sobre a homossexualidade e a homofobia na escola. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, 2014.

PEGOLO DE ALBUQUERQUE, P; SOUZA, D. A. A. Relembrando os tempos de escola: a homofobia na perspectiva de estudantes universitários. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 17-29. jan./jun. 2022.

PRADO, V. M. DO; RIBEIRO, A. I. M. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 97-114, 28 abr. 2016.

MISKOLCI, R. **A teoria queer e a questão das diferenças**: por uma analítica da normalização, p. 1-19, 2007.

- RICHARD, P. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 157-190.
- ROMANCINI, R. Do “Kit Gay” ao “Monitor Da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, v. 37, n. 02, p. 87-108, nov. 2018.
- SALIH, S. **Judith Butler e a teoria Queer**. 1 Ed.; 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- SANTOS, F. C; LUCINI, M. Representações sociais, identidade de gênero e diversidade sexual na formação docente. **Faz Ciência**, v. 18, n. 28, p. 140-156, dez. 2016.
- SANTOS, I. L.; MATTHIESEN, S. Q. Orientação sexual e Educação Física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 2, p. 205–215, 28 jul. 2012.
- SILVA, L. B; SOARES, S. L; LEITÃO, H. V; FERREIRA, H. S. A Educação Física e o educar em saúde: uma experiência em escolas públicas no interior do Ceará. **EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 08, p. 01-17, jan./dez., 2021.
- SOUZA, D. C. de. **Introdução à Ciência do Direito**. São Paulo: Editora Saraiva. 4ª ed. 1993.
- VENTURI, V; BOKANI, V. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu, Abramo, 2018.
- WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

**Recebido:** 11/04/2020.

**Aceito:** 15/06/2022.

**Publicado:** 30/12/2022.